

## **LAÇO SOCIAL E TECNOLOGIA EM TEMPOS EXTREMOS: contribuições aos discursos de conveniência contemporâneos**

Rodrigo Koch<sup>1</sup>

A coletânea *Laço Social e Tecnologia em Tempos Extremos: imaginários, redes e pandemia* (Editora Sulina, 2020), organizada pelos sociólogos Cristiane Freitas Gutfreind (PUCRS), Juremir Machado da Silva (PUCRS) e Philippe Joron (Université Paul-Valéry Montpellier 3), apresenta discussões contemporâneas e bastante atuais acerca dos comportamentos humanos referentes aos espaços digitais e redes sociais, a formação de ‘novas’ comunidades ou tribos identitárias, e à comunicação em geral diante do isolamento social causado (ou acelerado e imposto) por conta da pandemia do Covid-19. A obra reúne artigos de pesquisadores e pensadores italianos, franceses e brasileiros que investigam a comunicação e os vínculos que se tecem através das redes sociais e tecnológicas na pós-modernidade. O livro está dividido em três partes: I Laço Social; II Tecnologias e narrativas comunicacionais; e III Imagens e Imaginários; contando com um total de treze (13) artigos, sobre os quais faço breves comentários nos parágrafos seguintes. O Prefácio foi feito pelo prestigiado sociólogo e professor emérito da Sorbonne, Michel Maffesoli, que nos lembra que “esse estar-junto assume várias formas de acordo com os tempos” (p.7). Pensadores, pesquisadores e autores das áreas da Comunicação e Sociologia, com destaque para Walter

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação (Culturas Juvenis) pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), mestre em Educação (Estudos Culturais) pela Universidade Luterana do Brasil (Ulbra), pós-graduado em Administração e Marketing Esportivo pela Universidade Gama Filho (UGF), e graduado em Educação Física pela Universidade Luterana do Brasil (Ulbra) [CREF 012626-G/RS]. Atualmente é Diretor Regional - Campus II (Bento Gonçalves, Caxias do Sul, Encantado, Montenegro, São Francisco de Paula e Vacaria) e professor adjunto C da Uergs - Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Idealizador e coordenador institucional dos Jogos Universitários da Uergs - JUergs. Foi coordenador do curso de Pedagogia (Unidade: São Francisco de Paula/Uergs) entre 2012 e 2014. Jornalista Esportivo (MTB - 13.743). Também foi coordenador de esportes da Rádio Guaíba, pela qual realizou as coberturas jornalísticas dos Jogos Olímpicos de Sydney-2000 e Atenas-2004, dos Jogos Pan-Americanos Rio-2007 e, dos Jogos Mundiais Militares Rio-2011. Recebeu a Medalha João Saldanha pela contribuição ao esporte gaúcho, em 2009. Autor dos livros *Universiade 1963 - História e Resultados dos Jogos Mundiais Universitários de Porto Alegre*; *Tie-Break - A saga dourada do vôlei masculino do Brasil*; *A Vitória vem dos Céus - A trajetória do brasileiro campeão mundial de judô*; e *Celeste Olímpica - A era de ouro da seleção uruguaia*. Co-autor de: *O Rádio e as Copas do Mundo*; *Educação e Interdisciplinaridade*; e *Educação para a Sustentabilidade*. Produtor dos cd's: *Brasil Pentacampeão*; e *Planeta Colorado*. Tem experiência nas áreas de Educação Física e Comunicação, atuando principalmente nos seguintes temas: Futebol, Jogos Olímpicos, Práticas Corporais, Educação, e Comunicação & Esporte. Trabalha com o processo contemporâneo da Futebolização, articulando o mesmo aos conceitos de Modernidade Líquida (Bauman 1925-2017), Hipermodernidade (Lipovetsky 1944-) e Hibridização (Canclini 1939-); realizando pesquisas e estudos junto aos jovens torcedores pós-modernos (Giulianotti 1966-) e suas manifestações e produtividades nas Sociedades de Espetáculo (Debord 1931-1994), e de Consumidores (Bauman 1925-2017). E-mail: [prof.koch.rodrigo@gmail.com](mailto:prof.koch.rodrigo@gmail.com)

Benjamin, e Jean Baudrillard, são citados e convocados ao longo dos diversos textos que compõem a obra.

No primeiro capítulo (*Sós todos juntos: pele digital e fissuras digitais*), Philippe Joron, lança o olhar sobre ações cotidianas privadas que se tornam públicas nas redes sociais e, as angústias e ansiedades que são causadas a partir destas postagens. Destaca o sociólogo que estamos “[...] ao mesmo tempo constrangidos e excitados pela digitalização incremental de nossas vidas cotidianas, públicas e íntimas” (p.20). Ao citar Bauman, Joron lembra da vida na Modernidade Líquida com incertezas constantes, mobilidades em todas as direções e celeridades variáveis. Fábio La Rocca, em *Ligações afetivas e emoções compartilhadas: a comunidade emocional conectada*, chama atenção para as relações estreitas entre emoção e razão e, concluiu que, portanto, a irracionalidade faz parte do campo de ação das relações interacionais. O autor do segundo capítulo, complementa afirmando que navegamos na e pelas emoções no espaço digital, que se torna conseqüentemente um espaço emocional e afetivo. Interessante ainda, as contribuições que La Rocca traz acerca da condição humana na contemporaneidade. “O homem-fluxo contemporâneo, que age na dimensão de uma sociedade aumentada tecnologicamente, se encontra confrontado com as emoções aumentadas pela expressividade das imagens que compartilha e consome” (p.40). Este indivíduo, definido pelo autor como homem-fluxo, tem a necessidade de compartilhar estados emocionais que marcam suas ações e reforçam os sentidos de comunidade de ‘um todos juntos’. Segundo La Rocca, “[...] os emojis representam a forma banal e simbólica da emoção na era da reprodutibilidade digital e a maneira comunicativa do estado de espírito” (pp.46-47). O terceiro capítulo (*O ambiente digital*), de Vincenzo Susca, questiona o espaço da arte na cultura digital. Susca ressalta que, “Vivemos num mundo em que os opostos coabitam numa espécie de harmonia conflitual: amor e violência, inteligência e estupidez, racionalidade e animalidade são assim fragmentos de um mosaico heterógeno, múltiplo e em devir – o ambiente digital” (p.56). Ainda na primeira parte desta coletânea, Marianne Celka (*O animal midiaticizado pelas imagens e o paradoxo da empatia*) problematiza a questão das imagens de animais na mídia e nas redes sociais, partindo de conceitos e imagens transformadas pela Disney. Celka destaca que “Ficamos [...] fascinados, [...], pela imagem, ao passo que alguma coisa nela desapareceu: sua ambigüidade, sua substância real” (p.71). A autora ainda afirma que ao sermos confrontados com a repetição da oferta das

mesmas hashtags vazias e sem finalidade, a informação inicial se perde na sucessão de atos de copiar-colar. Finalizando a parte I Laço Social, Bertrand Vidal, em *Repetição, alteridade radical e realidade desativada: a diplopia das imagens dos eventos-catástrofe*, alerta para o fato que estamos construindo nosso mundo a partir das imagens do mundo e assim a realidade é apenas um reflexo de seus próprios reflexos, ou entre outras palavras, o imaginário é mais real do que o real. Vidal tece seus comentários a partir dos eventos de Lisboa e Fukushima (ambas cidades foram atingidas por tsunamis em períodos históricos distintos). Portanto, esta primeira parte da coletânea expõe algumas condições e conceitos do contexto contemporâneo pandêmico.

A segunda parte (II Tecnologias e narrativas comunicacionais) é composta de outros cinco capítulos elaborados em parcerias autorais. No primeiro deles (*Telejornalismo e pandemia: as narrativas emergentes em tempos extremos*), Christina Ferraz Musse e Mariana Ferraz Musse apontam e discutem os novos formatos do telejornalismo provocados pela pandemia do Covid-19 e como isto alterou o comportamento tanto dos emissores como dos receptores da informação. “Os jornalistas perdem o status de olímpicos e incorporam aquilo que é típico do cidadão comum” (p.103). Há uma certa crítica à sedentarização do trabalho jornalístico. As autoras convocam Bauman para a discussão citando seu conceito de retrotopia: “[...] visões instaladas num passado perdido/roubado/abandonado, mas que não morreu, em vez de se ligarem a um futuro ‘ainda todavia por nascer’ e, por isso, inexistente [...]” (BAUMAN 2017, p.10 *apud* p.110). O artigo seguinte, de Álvaro Nunes Laranjeira e Tarcis Prado Júnior (*A era dos tempos extremos: o ignorancialismo como categoria de análise para a explicação da hipnose regressista em curso*) se debruça em explicar a construção do conceito de ignorancialismo e como o mesmo opera não somente nas redes sociais, como também em veículos midiáticos utilizando quatro matérias (reportagens ou comentários) da Gazeta do Povo para exemplificar o processo contemporâneo. Laranjeira e Prado Júnior também convocam Bauman através do conceito de retrotopia e, o utilizam ainda para questionar se o progresso digital seria uma benção ou uma maldição. Na defesa do conceito, os autores explicam: “O fundamento do ignorancialismo é o desconhecimento elevado à categoria de conhecimento, a invenção tomada por crível e verossímil e a mentira alçada à verdade” (p.118). “O ignorancialismo tem nas redes sociais a via do fluxo contínuo e na mídia convencional a legitimação necessária e

reverberada sob a forma de uma singela, desinteressada e isenta informação/opinião” (p.119). Nos capítulos seguintes (*O limite da tecnologia não tão pessoal para uma geração: uma reflexão sobre as transformações impostas ao público 60+ durante o período de pandemia de 2020*, de Eduardo Campos Pellanda e Melissa Streck; e *Cinema, ciência e tecnologia: encontros, interseções e experimentos*, de João Guilherme Barone Reis Silva e Roberto Tietzmann) são feitas análises sobre as mudanças e avanços tecnológicos pelos quais passaram as pessoas da geração de nascidos, principalmente, na década de 1950; e comparativos da evolução cinematográfica em filmes de ficção científica sobre o espaço. Pellanda e Streck consideram que as pessoas 60+ utilizam poucos recursos oferecidos pelos aplicativos e smartphones devido à falta de habilidade com os mesmos e, por vezes, por medo. Já Silva e Tietzmann utilizam os filmes *2001: uma Odisseia no espaço* e *Alien: o oitavo passageiro* para analisar os efeitos empregados nas obras e o que de fato se concretizou em realidade. Os pesquisadores tomaram por base os resultados de dois projetos de extensão coordenados por ambos. Finalizando a parte II desta coletânea, André Fagundes Pase e Giovanni Guizzo da Rocha, em *Além do deep fake e da empatia: observações sobre limites do uso jornalístico da Realidade Virtual*, provocam debate importante sobre a temática. Os autores ressaltam que há uma profusão de fake news, em escala industrial, com motivações políticas. Portanto, há necessidade de uma ampla discussão em torno da utilização da Realidade Virtual em produções jornalísticas, pois são inúmeras as possibilidades de conteúdos jornalísticos, divulgados em plataformas de Realidade Virtual enfatizarem a espetacularização da notícia, deixando de lado seus pressupostos éticos. Nas considerações finais, Pase e Rocha, observam que “Falhamos ao não elucidar a audiência sobre a forma como algoritmos controlam a exibição de postagens em redes sociais e como o curtir e compartilhar podem contribuir negativamente no repasse de conteúdo falso. [...] Estamos, infelizmente, falhando mais uma vez com o debate sobre deep fakes, assunto que poucas vezes é apresentado para além do entretenimento e pode ser perigoso nas eleições futuras” (p.175). Eles concluem o texto lembrando que ampliamos as possibilidades, mas também as responsabilidades. Podemos concluir, que a segunda parte desta obra versa sobre análises e avaliações comportamentais de veículos midiáticos frente ao cenário pós-moderno.

A terceira parte desta coletânea (III Imagens e imaginários), reúne mais três capítulos. No primeiro deles, *Mídia e imaginário em tempos extremos*, Juremir Machado da Silva faz críticas às redes sociais, expondo situações de dominação humana através dos mecanismos tecnológicos. O autor destaca que vivemos, na contemporaneidade, um capitalismo de vigilância, tendo a vida sob controle sob adesão individual. Juremir Machado da Silva alerta que “Entramos, sem perceber [...], numa nova fase de relação com a tecnologia: o produto somos nós. [...] O compartilhamento é uma ilusão. Tudo funciona para gerar bolhas” (p.185). Ele cita, como exemplo, que meninas buscam se submeter a cirurgias plásticas para se parecerem com suas imagens retocadas pelos filtros dos aplicativos. No artigo seguinte (*Jovens, gerações e tecnologias de comunicação: transformações da rede sociotécnica em tempos extremos*), Magda Rodrigues da Cunha e Tiago Luís Rigo, fazem um percurso histórico sobre os avanços e mudanças tecnológicas na comunicação nas últimas décadas, revelando como estas também influenciaram os modos de ser jovem nas sociedades em cada geração. “O que os filhos podem aprender com os pais torna-se menos óbvio do que os pais não sabem e os filhos sim. Invertem-se os papéis das gerações” (p.195). Os pesquisadores apontam, por exemplo, que as ferramentas comunicacionais dos smartphones para as gerações mais avançadas significam fonte de informação e comunicação direta, enquanto, que para os jovens são canais de sociabilidade. Cunha e Rigo, também acrescentam discussões sobre as perdas de valor e detenção de conhecimento e poder de instituições como a família, a escola e os livros. O capítulo é finalizado, com a indicação de permanentes investigações neste cenário dinâmico. Finalizando a obra, Marco Roxo e Karina Santos, em *O populismo e suas tecnologias*, avaliam a construção do conceito de ‘populismo’ através do imaginário presente das mídias e redes sociais, avaliando certos momentos dos discursos do então candidato e atual presidente Jair Bolsonaro, em comparação com outros políticos da história recente do Brasil. Os autores destacam que o “[...] populismo nesta vertente é uma ideologia antiestatal e privatista, além de estar centrado na dicotomia povo rude versus elite esclarecida” (p.228). A última parte da coletânea, se atém a discutir comportamentos sociais nas redes.

Percebo que, indiretamente ou subliminarmente, um outro fenômeno contemporâneo está presente nesta coletânea: os ‘Discursos de Conveniência’. Trazendo pequena contribuição aos artigos presentes na coletânea e, ao mesmo tempo dando o

indicativo de que tal condição social, exposta pela pandemia, merece estudos e investigações mais aprofundadas, acrescento a estas discussões breve análise em torno dos ‘Discursos de Conveniência’ adotados nesses tempos extremos. Em tempos de poucos diálogos, quando todos querem ser ouvidos (ou lidos), mas não querem ouvir ou ler os demais habitantes da esfera digital, os discursos preponderam e, ganham contornos e conotações desejáveis aos seus emissores. Cito trecho da coletânea, em capítulo escrito por Juremir Machado da Silva: “Quando todos comunicam não há mais necessidade de diálogo. Cada um grita ao mundo o que lhe dói e revolta” (p.190). Vou mais além, pois percebo, que cada um grita ao mundo o que lhe convém, mesmo que tal postagem nem mesmo seja lida, curtida ou compartilhada por uma pessoa sequer. Durante o período pandêmico, com momentos e períodos de endurecimento e flexibilização das regras de isolamento por parte dos governos, cada um se julga capaz de avaliar e ditar suas próprias regras e, sempre que é questionado por alguma ação ou discurso que possa causar risco a si e, principalmente, aos demais cidadãos, trata de apontar e acusar as falhas de outros indivíduos ou grupos que não sejam os seus, indicando que os atos do outros seriam os causadores da proliferação viral e não os seus. Tanto situações de grande amplitude coletiva, como frequentar eventos, praias e quaisquer locais públicos e turísticos; como situações cotidianas, domésticas e familiares, como receber amigos, parentes ou contar com os serviços de faxina e limpeza do lar, entraram neste circuito dos ‘Discursos de Conveniência’. Por exemplo: se me convém, autorizo a presença de uma faxineira em minha residência, mas – ao mesmo tempo – se não me convém proíbo a visita de pessoas e parentes indesejados, pois tenho como álibi o risco de contrair o Covid-19. Também posso, se desejar, me permitir ir em um final de semana ao litoral e frequentar a beira mar, mas ao mesmo tempo condenar aqueles que estiveram em certas aglomerações natalinas ou carnavalescas. Tais condições, em tempos extremos, também foram e estão sendo adotadas e atreladas ao debate político, atravessado por ideologias, religiosidades e condições sociais. Os ‘Discursos de Conveniência’, por serem convenientes, permitem (ou dão esta ‘autorização’ aos emissores) ofensas e violências verbais em proliferação. Quem expõe qualquer ação, opinião ou crítica na rede, - em busca de aplausos, curtidas e compartilhamentos - está sujeito ao revés. Sem que percebam de forma consciente, pessoas adotam ‘Discursos de Conveniência’, em grande parte das vezes, contraditórios e incoerentes; pois, o que convém em um aspecto, pode não convir em outro. No entanto,

acabam se tornando massa de manobra no dito 'democrático' espaço digital. Deixo esta pequena contribuição, provocando jovens pesquisadores a investigarem com maior profundidade este fenômeno social contemporâneo. Finalizo, destacando que a obra *Laço Social e Tecnologia em Tempos Extremos: imaginários, redes e pandemia* é de fácil leitura e compreensão e, recomendável para ampliar as discussões sobre os novos comportamentos vinculados à comunicação e sociedade na contemporaneidade.

## REFERÊNCIA

**GUTFREIND**, Cristiane Freitas; **SILVA**, Juremir Machado da; **JORON**, Philippe (orgs.). Laço social e tecnologia em tempos extremos: imaginário, redes e pandemia. Porto Alegre: Sulina, 2020.